

“TE SITUA”⁵ - DESORIENTAÇÕES GEOGRÁFICAS EM LUGARES PANDÊMICOS

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

De súbito, o *espaço encolheu*, mesmo que a paisagem-matriz⁶ do agora seja a avenida vazia de uma metrópole en-globalizante, afinal, a virtualidade urbana se impõe até na imagética da catástrofe. Nossas coordenadas espaciais foram violentadas e uma asfixia que vai além do efeito físico da COVID-19 nos captura, não apenas porque sentimos a dramaticidade da pandemia – e seu menosprezo por muitos de nós, poderosos ou não – mas também porque vivenciamos uma desorientação geográfica ao nível da pele.

Para a imensa maioria, a *virtualidade nética* (por opção ou falta dela) não é capaz de suprir a relação corpo-mundo cotidiana, pois as *trajeções*⁷ dos lugares instituintes de nossa segurança geo-ontológica são insubstituíveis. De dentro das casas – quem tem alguma para estar dentro –, os contornos do mundo tornaram-se menos nítidos; os caminhos, objetos e pessoas que destacamos em nossa vida hodierna estão ficando perigosamente indistintos, porque não temos mais o horizonte como fundo naturalizado. E o horizonte não é algo que vemos, não é um limite do visível, mas contra o qual recortamos as coisas e as colocamos no plano do possível⁸.

A sensação de asfixia evidencia a perda desse horizonte possível: é o medo da doença, da morte, da fome e da solidão. É, sobretudo, asfixia, porque nossas histórias sedimentadas⁹ no corpo – que marcam e delimitam as formas de ir, vir, olhar, tocar, caminhar, comer, rir, cansar, trabalhar, amar, transar – foram fraturadas de maneira irrevogável, mesmo que o irrevogável seja temporário, já que não sabemos a *extensão têmporo-espacial* desta temporalidade.

⁵ Talvez não seja formalmente correto, mas muitos paraenses usam a construção frasal desta maneira para lembrar, como menciona Carlos W. P. Gonçalves (02/11/2019 – em conferência), que tem gente que fala correto “nós vamos”, mas não sabe para onde vai, já outros falam o “nós vai”, mas sabem muito bem para onde vão.

⁶ Para Berque (1984), a paisagem é marca e matriz de significados. Enquanto marca é olhada, valorizada, reproduzida por uma estética e uma moral; mas também é matriz, na medida em que determina formas de olhar, de valorizar, de reproduzir estética e moralmente a realidade etc.

⁷ Berque propõe a *trajeção* como *processo-entre* subjetivo e objetivo, físico e fenomenal, ecológico e simbólico, sendo um processo de “ambientalização histórica ambivalente” dos seres humanos e seus “meios”.

⁸ Esta é uma trilha reflexiva que remonta, tortuosamente, a Husserl e a Ahmed, passando por Merleau-Ponty (1994).

⁹ Husserl iniciou um pensar sobre como a história se sedimenta em um sentido de repetição corporal, ao que Merleau-Ponty (1994) vai falar da motricidade e, como aponta Ahmed (2006), se pode vislumbrar o *habitus* de Bourdieu.

Você olha ao redor e as figuras¹⁰ – as máscaras costuradas com estampa exclusiva, o olhar desconfiado que isola/afasta alguém tossindo, as mãos que hesitam em tocar o outro e a si mesmo, as ruas esvaziando de gentes, as filas abarrotando o posto de saúde, a separação perigosa riscada no chão, as *lives* destacando as intimidades do que está às nossas costas, os hospitais em sua fachada silenciosa ou em seus interiores entubados de enfermeiros nos corredores apinhados, a pele descascando de tanto lavar, a fome desejosa de cesta básica borrifada com água sanitária, os caixões empilhados sob carradas de areias apressadas sem abraços possíveis – impregnam-se no visível que não se descola de um fundo invisível, ainda mais escondido pela multiplicação dessas figuras coaguladas, de onde brota um pânico asfixiante: o fechamento ao futuro.

Vivemos o horizonte de expectativas não como distanciamento, mas como indistinção febril do espaço de nossas experiências¹¹. No entanto, sempre ocorreram epidemias/pandemias, e se pensarmos na circulação frenética multiescalar contemporânea, na revolução urbanocêntrica e na degradação da sociobiodiversidade, as pandemias tendem a se tornar cada vez mais comuns. Então, por que falar de desorientação geográfica?

Não é um fenômeno novo a desorientação geográfica (ou espacial), embora tenha diferentes sentidos e não se trate da mesma coisa nas diversas áreas do saber. Ele é explicado como patologia tal qual o Alzheimer, ou provocador de desastres em situações de pilotagem na aviação comercial¹²; possibilita pensar a condição contemporânea urbana sob a pós ou hipermodernidade tecnocapitalista¹³, levando a cidades caleidoscópicas ou provocando geografias desnorteantes¹⁴; também, instiga a

¹⁰ Merleau-Ponty (2012), consubstanciado na Psicologia de Gestalt, discute a relação figura-fundo como uma estrutura inseparável para que possamos ver e destacar coisas, para que as formas possam ser motivadoras por si, ou seja, fontes de recorrência criativa delas na relação com nossos corpos próprios, o poder de pregnância.

¹¹ Menção ao texto de Kosellek (2006), para quem há uma semântica no estudo da história que pode viabilizar conceitos mais do que classificadores da experiência, criadores da experiência, como o de “Progresso” que, na modernidade, reuniu a experiência à expectativa.

¹² Caldeira e Ribeiro (2004) expõem a relação entre Alzheimer e desorientação pela deterioração progressiva da capacidade intelectual com impacto na função visual/espacial. Benson e Scott (2006), por sua vez, discutem a desorientação espacial de pilotos por razões humanas e técnicas na aviação.

¹³ Cf. Jameson (2007), *pós-modernismo e a lógica cultural no capitalismo tardio*.

¹⁴ É o que propõem vários/as geógrafos/as, a exemplo de Friedberg (2017) que abre mesmo um campo em potencial de exploração da desorientação geográfica.

potencial reorientação ou o posicionamento contrário às linhas padrões que conduzem as pessoas a “uma direção certa” ao longo da vida¹⁵.

Todavia, a desorientação tende a ser um ponto – ou pontos – nas trajetórias geohistóricas. O que temos agora é uma desorientação geográfica global sobredeterminada às outras, de tantas referências e referentes cruzados e em curto-circuito, além das escalaridades interconexas e politicamente assimétricas em choque, das exigências performáticas para seguirmos múltiplos caminhos ou do barramento abrupto no que parecia o certo *aqui-já-agora*. Toda essa *saturação geográfica pandêmica* vai deixando pelo caminho infartados da alma¹⁶, sejam contaminados pela COVID-19 ou não.

A depressão (e correlato pânico) é esta queda, este afundamento por dizermos “sim” para toda a multiplicidade obscena de referências, de figuras pandêmicas que povoam nossos lugares, de caminhos/descaminhos a seguir/desviar/barrar. Incorporamos esta orgia de figuras-coordenadas ao ponto da pura exaustão, nos planos pessoal e social; tanto física como emocionalmente, ao nível do corpo como ponto zero da orientação¹⁷ e na escala-mundo – seja lá o que isso signifique para alguém desesperado entre a vida e a morte em uma fila hospitalar no *já-agora*, lançado para este futuro espremido, barrado, onde não se pode divisar o que haverá¹⁸. Quem o pode?

A pandemia emergente, *desnaturalizada* pela série de atravessamentos sociogeográficos que a instituem – como a precarização dos trabalhadores perifizados que se dá nos centros, onde a economia política territorialista da violência crua ou mediada institucionalmente atua sobre corpos pobres, negros, lgbti+, femininos, indígenas, idosos, enfim, sobre todo aquele que desvia da estatística do “homem médio” –, em poucos meses provocou, nos diferentes cantos do planeta, a “queda” (literal e figurativa, agora equivalentes) das *quase certezas* sobre nosso futuro imediato, haja vista que vivemos na Era dos Afobados, em que é vedada a possibilidade de pensar com fôlego de longo prazo.

Assim, a pandemia expõe, de maneira nua, aquilo que já sentimos há tempos: nossos lugares em fricção reticulada global nos lançam para o *futuro-já-agora*, sem que possamos tatear qualquer estabilidade neste lançamento, nem senso de contemplação

¹⁵ Ahmed (2006) fará uma conexão criativa entre orientação espacial, corpo e orientação sexual para questionar esta imposição das direções certas a seguir frente às demandas existenciais dos LBGTI+ e da teoria *queer*.

¹⁶ Han (2019) fala do infarto da alma em sociedades da hiperpositividade, ou seja, termos que estão em alta performance o tempo todo ao ponto do esgotamento de si por si mesmo. Obviamente, numa sociedade atravessada pela exploração abjeta, a “exploração de si sobre si mesmo” tem que ser recontextualizada para pluriexplorações tirânicas que fazemos uns sobre os outros e sobre nós.

¹⁷ É o que nos faz intuir Husserl, mas a ideia é amplamente desenvolvida por Merleau-Ponty (1994).

¹⁸ Jaspers (1959) chama de situação-limite da existência. Cf. *Filosofia. Tomo I e II*.

ampla e nem vislumbre de um espaço comum habitável com segurança ou de qualquer descanso. Isso porque nossas performances corporais afobadas se chocam no *já-agora* contra um muro duplo, uma situação-limite existencialmente duplicada: a morte literal e figurativa. Estamos asfixiados viral e neuronalmente¹⁹.

Estamos sitiados²⁰ pelos outros e por nós mesmos em nossas casas ou fora delas. E mesmo quem nega o confinamento por razões variadas está sitiado e sitia, está sob suspeita e suspeita de todos os corpos. Talvez, nesta desorientação geográfica, possamos nos *situar*, ao invés de só nos *sitiar*. Este voltado para o fechamento, o cerco e a coação espacial – um aprisionamento asfixiante –; aquele voltado para fora, orientase à posicionalidade construtiva do lugar. Um é a pura separabilidade do corpo-doente, o outro evoca a posição de contato entre-corpos para imunização geográfica²¹.

Com isso, não quero advogar a “imunidade de rebanho” irresponsável e genocida que defendem, explícita ou implicitamente, diversos grupos políticos dentro e fora do Brasil, não no caso da COVID-19 por sua evidente exponencialidade. Penso mais no ato de situar-se implicando reposicionar nossa desorientação geográfica – fonte de depressão, pânico, paralisia e adoecimento – para incorporar um caráter desorientador novo, contestatório das linhas cardeais que cristalizam nossos corpos em motricidades adoecidas, numa mesmice que nos lançou ao *já-agora afobado* inescapável, com ou sem pandemia. Situar-se neste necessário isolamento não mais como o “eu, o meu lugar” sendo a única referência de orientação, mas sim como o outro e o seu lugar num entrelaço contingente, frágil e em situação. Somente a partir desta contingência situada poderá haver abertura ao futuro – e ao político frente à política institucional não-situada e só sitiante.

“Te situa” é o alerta para descentrar o olhar aos outros e aos lugares que nos formam e os formam; recortar as figuras que importam e precisam importar do fundo febrilmente indistinto, porque é deste recorte que nos conectamos carnalmente ao mundo. Tal conexão se reticula, sedimentando novas histórias coletivas, na coexperiência e na copresença mesmo na morte, na dor e na tragédia como fundamentos para projetos partilháveis, para recompor o horizonte possível e nos imunizar contra esta e novas pandemias geopolítica e tecno-economicamente impostas.

¹⁹ Cf. Han (2019).

²⁰ Não é, obviamente, o sentido amazônico de “sítio” que uso aqui, mas o que está alinhado à filosofia política sobre o “Estado de Sítio”. Na Amazônia há um sentido próprio para sítio como lugar de vivência onde trabalho e aconchego são inseparáveis, próximo à vibração das paisagens não urbanoides regionais – seja por alternativa ou falta dela pela precificação urbana – com amplos quintais com lavoura branca e outras possibilidades de produção, bem como interações de vizinhança e troca de trabalho.

²¹ Há algo da esferologia de Sloterdijk aqui.

A abertura ao futuro pela situação lugarizada não nos dá garantia alguma de evitar o fim do mundo tal qual o conhecemos – e talvez ele deva mesmo acabar pelas relações apodrecidas, ainda que aparentemente assépticas, agora hipervisibilizadas. Ao menos nos dá um fôlego profundo, fazendo do espaço não um lugar confinado e sim, como nos diz Ailton Krenak (2019, p. 15): "o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos". E despencar do cosmos é a iminência de perder a própria vida, mas em paraquedas coloridos; é vazamento criativo de revoltas pelo viver (uma defesa imparável pela vida em sua diversidade, o que inclui o cosmos), que provoca a invenção de variadas resistências imaginativas contra o Estado de Sítio²² e que talvez, apenas talvez, possa situar na indistinção asfixiante do horizonte um outro estado: o Estado de Rebelião²³.

²² Há um modo excessivamente negativo sobre a reflexão do poder e soberania em Agamben, os estados de exceção e de sítio revelam isto – ainda que “capturem” a realidade conceitualmente. Porém, a vida não (só) acaba em um Estado de Sítio, mas é “onde” a rebelião dos sitiados pode emergir, destotalizando o real.

²³ Evidentemente a referência é o trabalho de Enrique Dussel (2006), Cf. *20 Tesis de Política*. O trabalho de Dussel na busca da transmodernidade, atravessa de maneira gostosa diferentes matrizes que pareceriam impossíveis de coadunar, da fenomenologia ao marxismo na busca de uma filosofia própria.

Referências situadas

AHMED, S. Orientations. Toward a queer phenomenology. **GLQ: A jornal od lesbian na gay studies**, v. 12, n. 4, pp. 543-574, 2006. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/issue/10924>, acesso em: 10 abr. 2020.

BENSON, ALAN J.; STOTT, J. R. Spatial disorientation in flight. In: RAINFORD, D. J.; GRADWELL, D. P. (Ed.) **Ersting's Aviation Medicine**, 4^a ed. Londres: Edward Harnold Publisher, 2006. pp. 433-458.

BERQUE, A. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. **Espace Géographique**, v. 13, n. 1, pp. 33-34, 1984. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1984_num_13_1_3890, acesso em: 29 abr. 2020.

CALDEIRA, A. P.; RIBEIRO, R. C. H. M. O enfrentamento do cuidador do idoso com Alzheimer. **Arq. Ciênc. Saúde**, v. 11, n. 2, 2004. Disponível em: http://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/Vol-11-2/ac08%20-%20id%2027.pdf, acesso em: 29 abr. 2020.

DUSSEL, E. **20 Tesis de Política**. Ciudad de México: Siglo XXI/CREFAL, 2006

FRIEDBERG, M. S. **Geographies of desorientations**. New York: Routledge, 2017.

HAN, B. C. **A sociedade do cansaço**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

JAMESON, F. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2^a ed. São Paulo: Ática, 2007.

JASPERS, K. **Filosofia**. Tomo I. Madrid: Universidade de Puerto Rico, 1959.

KOSELLECK, R. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RJ, 2006.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martin Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

SLOTERDIJK, P. **Esferas I: bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.